

A Sílvia que eu conheci

Eu conheci a Sílvia em 1966, logo quando entrei no Curso de Psicologia da Faculdade de São Bento, na PUC-SP, ela sendo a minha professora de Psicologia Social. Logo nos entrosamos bastante bem; nessa época o que mais me interessava era a Teoria de Campo de Kurt Lewin – eu era um entusiasta da Psicologia da Gestalt –, e lembro-me que ela me incentivava bastante a criar ferramentas para fazer pesquisa, utilizando essa bagagem teórica. Generosamente, deu-me os livros que tinha sobre o assunto e um importante, que faltava, eu consegui comprar, nem me lembro como (pois, nessa época não tínhamos Internet nem coisas do tipo). Acho que foi encomendando de uma livraria; o que recordo é que demorou um bom tempo para chegar às minhas mãos.

Lembro-me de ter publicado (não sei bem em que ano, mas não muito tempo depois), na *Revista Normal e Patológica*, 2 artigos meus – em conjunto com outros colegas – envolvendo pesquisa em Teoria de Campo. Minhas primeiras publicações! Sílvia estava sempre por detrás, como uma espécie de madrinha. E – o mais importante de tudo – ela não era uma grande entusiasta da Teoria de Campo, mas respeitava a minha escolha e me ajudava em tudo o que podia.

Em 1970 tornei-me um monitor de Psicologia Social, junto a ela, e em 1971 fui contratado pela PUC-SP como auxiliar de ensino, também devido à sua ajuda. Se estou na PUC-SP como professor há 49 anos – tendo feito carreira até chegar a professor titular – devo, em grande parte, a ela.

Depois, nossos caminhos começaram a se separar: ao concluir a faculdade, fiz uma formação em psicodrama e tornei-me psicodramatista, ao mesmo tempo em que fui fazer um mestrado em filosofia na USP, sob orientação de Marilena Chauí. Mas, ela continuava sempre me incentivando, mesmo não estando diretamente envolvida.

Fui reencontrá-la, novamente, mais de perto, como orientadora do meu doutorado. Tinha resolvido fazer o doutorado em psicologia na PUC-SP e achei

que não havia pessoa mais credenciada para me orientar, principalmente porque sabia que ela me daria total liberdade de escolher os meus caminhos próprios, como pesquisador, numa relação de total confiança. E foi exatamente isso que aconteceu: ela me acompanhou o tempo todo, seguindo os meus passos e me ajudando naquilo que podia. Com grande generosidade! Mas, no final, acho que gostou do resultado: ela disse, brincando, que eu tinha inventado uma fenomenologia materialista e demos boas risadas juntos!

Daí nossos caminhos se separaram novamente: do psicodrama passei à psicanálise, tornando-me psicanalista, mas entre essas duas paragens, passei 20 anos estudando Nietzsche, enquanto Sílvia permanecia ligada às suas raízes materialistas-dialéticas. Seguíamos separados, mas nos respeitando mutuamente.

Em função, talvez, dessa diversidade dos caminhos, não fiquei sabendo quando Sílvia faleceu, mas somente algum tempo depois. Coisas da vida...

Mas as lembranças que tenho dela são de uma pessoa inteligente, batalhadora das boas causas, incansável como pesquisadora e extremamente generosa com as pessoas de quem gostava e a quem respeitava profissionalmente; enfim, de alguém com uma ética a toda prova.

E – o principal – eu gostava muito dela.

São Paulo, 19 de outubro de 2019

A handwritten signature in black ink, consisting of several fluid, overlapping loops and a long, sweeping tail that ends in a small hook.

Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto